

11450 - Etnossustentabilidade e Percepção Ambiental na Comunidade Quilombola de Barro Preto/ MG

Etnossustentabilidade and Environmental Awareness in the Community Quilombola Barro Preto / MG

DEUS, José Antônio Souza de¹; TUBALDINI, Maria Aparecida dos Santos²; CAMPOS, Mariana Pereira³

¹UFMG/IGC, jantoniosdeus@uol.com.br; ²UFMG/IGC, ubaldini1@uol.com.br; ³UFMG/IGC, mariana.pc2008@hotmail.com

Resumo: Este estudo analisa o uso da terra por agricultores de uma comunidade quilombola, sua relação física e simbólica com a Natureza buscando a aproximação entre o olhar acadêmico e a percepção espacial, orientada na experiência vivida dos atores. A área-foco de investigação- Barro Preto corresponde a distrito homônimo do município mineiro de Santa Maria de Itabira e se situa em área de transição entre Cerrado e Mata Atlântica. Metodologicamente, a investigação utilizou: entrevistas, elaboração de mapas mentais junto aos membros da comunidade e reconhecimentos de campo. Observou-se na pesquisa, a relevância dos saberes tradicionais preservados pela coletividade, manifestados nas interações estabelecidas pelos quilombolas com a fauna e flora remanescentes, no entorno do seu território.

Palavras-Chave: Percepção Ambiental, Quilombolas-MG, Cerrado.

Abstract: This study examines the use of land by farmers in amaroon community, its physical and symbolic relationship with nature seeking a closer relationship between the academic gaze and spatial perception, focused on the experience of the actors. The area-focused research-Barro Preto, namesake of the districtcorresponds to the mining town of Santa Maria de Itabira andis located in a transition area between Cerrado and Atlantic Forest. Methodologically, the research used interviews, mentalmapping with members of the community and fieldreconnaissance. Observed in the research, the relevance of traditional knowledge preserved by the community, manifested in the interactions established by the Maroons with the faunaand flora remaining in the vicinity of its territory.

Keywords: Environmental Perception, Quilombolas- M G, Cerrado.

Introdução

A área-foco de investigação - Barro Preto – localiza-se no município mineiro de Santa Maria de Itabira a 150 Km de Belo Horizonte e se situa em área de transição entre Cerrado e Mata Atlântica (Floresta Ombrófila mista). Consiste em um aglomerado de cerca de 150 casas com quintais, com população de 609 habitantes e de acordo com levantamento pedológico realizado pelo CEDEFES no ano de 2005, os tipos de solos mais comuns na região são os cambissolos e latossolos. É reconhecida como Comunidade Remanescente Quilombola pela Fundação Palmares, buscando a legalização de seu território junto ao INCRA, órgão que

realiza o ordenamento fundiário nacional, regulamentando as terras quilombolas. O objetivo geral do presente trabalho é mostrar a relevância dos saberes tradicionais dos quilombolas por meio das práticas sustentáveis adotadas por eles, tanto na produção alimentar dos quintais, quanto na sua relação com a fauna e flora do entorno da comunidade.

Metodologias

O embasamento teórico adotado tem como base o entendimento de comunidades tradicionais rurais – os atores sociais quilombolas rurais e seus resquícios de agricultores/ camponeses e a etnossustentabilidade. Para isso, fez-se necessária a escolha da Geografia Humanística e Cultural, com ênfase à percepção, como suporte teórico de pesquisa. Para o levantamento e processamento das informações foi adotado levantamento bibliográfico, observações em campo, documentações, bases cartográficas e elaboração de mapas em laboratório. Metodologias qualitativas Ramires & Pessoa (2009) também foram usadas na busca das informações. Nessa etapa a obtenção de dados foi feita por meio de entrevistas com uso de questionários (com perguntas abertas e semi-abertas), buscando na oralidade dos sujeitos de diferentes idades as informações sobre suas relações com o entorno da comunidade, identificação de plantios de quintais, alimentos, lugares significativos e a visualização da fauna e flora. Para a identificação do território atual e histórico, dos lugares significativos e da toponímia a base teórica foi Lynch (1982) e aportes teóricos de Kozel (2006) sobre mapas mentais. Nesse momento foram realizadas oficinas cartográficas com os adultos – com mapas topográficos - e de mapas mentais na escola da comunidade, com crianças de 8 a 11 anos. Após as oficinas e análise dos dados e mapas mentais, foi realizado um levantamento fotográfico pelos pesquisadores para a confirmação imagética dos lugares identificados pelos sujeitos da pesquisa. Como etapa final, os dados das entrevistas e gravações foram digitados em *Word* e organizados em bancos *Excell*.

Resultados

O espaço vivido dos quilombolas - também apreendido pelo trabalho com a terra - constitui base de grande conhecimento empírico de saberes passados de pais para filhos. Segundo Mattos (2003) os chamados “novos quilombos” podem ser referenciados a partir da origem escrava mas também por um campesinato precocemente formado por negros forros em determinada localidade. A produção de alimentos é, dessa forma, para subsistência, sendo também utilizadas folhas, raízes, cascas e frutos de plantas – como o fruto da Lobeira (*Solanum lycocarpum*), e o Jatobá (*Hymenaea courbaril* L.) - oriundas do quintal e da mata para consumo de chás. O principal doce servido nas festas é do mamão, também colhido no quintal. Entre os produtos alimentícios estão presentes diversas outras frutíferas. O arroz é plantado na várzea do córrego que atravessa a comunidade, e vai para alimentação da família. O milho é plantado também nos quintais e em alguns terrenos no entorno do aglomerado de casas e supre as aves de pequeno porte e porcos, também para alimentação. O inhame, a batata e a mandioca também estão sempre presentes na mesa dos afrodescendentes. Algumas sementes crioulas são guardadas, anualmente, como feijão, quiabo e abóbora. A redução de plantios alimentares como o feijão, arroz e milho tem ocorrido também, à medida que as famílias se reproduzem e os filhos constroem suas moradias no terreno dos pais.

Como estratégias etnossustentáveis, os moradores não fazem uso de queimadas para plantação, utilizando-se da compostagem e rotação de culturas – milho e feijão principalmente – sem o uso de fertilizantes químicos. Nas áreas de plantio comunal o solo fica coberto de folhagens durante o ano. A grande maioria da população reconhece a importância da preservação da vegetação nativa para o benefício de todos. A lenha usada nos fogões é comprada ou colhida quando já caiu das árvores e está no solo, já seca.

Na Comunidade, ainda são identificadas espécies da fauna e flora do bioma Cerrado - tatus, jacus - e também aquelas que transitam entre o Cerrado e Mata Ciliar como o lobo guará (*Chrysocyon brachyurus*). Isso se deve a variação fisionômica que o Cerrado apresenta, que tende a uma substituição por fisionomias de floresta em lugares onde há maior disponibilidade de água e fertilidade do solo.



Figura 1: Paisagem de Barro Preto com serras e matas no entorno. Fonte: CAMPOS, 2010.

A aproximação com o ambiente não é só física, mas também simbólica. Em períodos anteriores, Barro Preto denominava-se Córrego do Santo Antônio, nome do Córrego que passa pelo vale no qual está inserida. Esta toponímia remete a um território cultural, já que é oriunda da prática de seus moradores em pintar a roupa de preto, usando o barro do rio, o cipó e a gabirola do Cerrado (*Campomanesia adamantium* Cam) durante os períodos de luto.

Através do relato dos moradores, é possível perceber a redução no contato com algumas espécies da fauna presente dentro e em volta da Comunidade, possivelmente pela própria diminuição do número de espécimes.

Não aparece mais não, porque antes eles vinham, até comia as plantas, mas de certos anos pra cá, eles nem vem... (...) eles não desce. Jacu, macaco, sempre desce. (...) descia lobo, a gente até ouvia os grito deles... agora eles não desce. Um bicho também, que eu quase que pegava ele, que vinha até na porta, era o tatu. Agora a gente quase não vê mais. Era mansinho... a gente ia na lenha e a gente encontrava... Nos quintal que a gente plantava batata, ele chegava e fuçava aonde ela ta. A roça que a gente ia, ele fazia aquele afunda, aquele buraco, aquele milho maduro, eu não sei que jeito que eles arranjava, soltava o pé de milho (...) agora a gente não ta vendo mais isso não. (...). A gente chegava na roça, menina, via aquele caieiro, e ele fazia aquele buraco. Ia comendo a coisa e enchendo o buraco. (...) Principalmente no tempo de calor... no tempo de calor, a gente tava passando aqui e ele tava cansado mesmo... (...) ficava até mais fácil pegar ele, porque quando a gente ía na lenha, a gente vinha com aquele feixe de lenha e quase que esbarrava neles” (depoimento de moradora aposentada - 88 anos).

A situação descrita reflete a ocupação exercida pelas fazendas do entorno que retiram parte da vegetação natural para plantar eucaliptos e pastagens. Atualmente os animais silvestres não são mais retirados da mata. O reconhecimento do recuo dos animais traz à tona a necessidade da preservação e uso consciente dos recursos disponíveis. Essa percepção se revela também nos mapas mentais desenvolvidos pelas crianças.



Figura 2: A queimada acidental é representada. Fonte: Mapa mental de aluno de 10 anos – 4º ano

No campo, a proximidade com o meio natural se faz de forma genuína, com uma descrição do espaço não alheia àquilo que ali pode ser executado. Dessa perspectiva, segundo Moura (1988) pode-se pensar que o camponês é aquele que mais se envolve com os “segredos da natureza”, observa os astros, sabe a

orientação do vento, o início do período chuvoso, os insetos que agredem a lavoura e etc.

Por meio das entrevistas nota-se a aproximação simbólica e a importância da paisagem na lembrança e na memória para os quilombolas. Em um processo anterior à própria busca de tecnologias mais sustentáveis, a preservação da natureza, segundo Romancini & Martins (2005) pode estar muitas vezes pautada em interesses atávicos e de memória histórica em um primeiro momento. Os elementos naturais ganham significado e utilidade novos devido a sua absorção e interferência cultural.

Uma presença governamental mais efetiva - que garanta a qualidade dos solos e águas da comunidade – somada a investimentos em agroecologia como proposto por Norgaard (1989), manterá mais opções culturais e biológicas para o futuro e produzirá menor deterioração cultural, biológica e ambiental se comparados aos enfoques das ciências convencionais por si sós.

Agradecimentos

Ao Laboratório de Geografia Agrária Terra & Sociedade - IGC/ UFMG e à FAPEMIG, patrocinadora do Projeto “Etnogeografia, Etnossustentabilidade e a Organização e Gestão do Território de Comunidades Tradicionais e Indígenas no Estado de Minas Gerais”, coordenado pelo Profº Dr. José Antônio Souza de Deus.

Bibliografia Citada

Kozel, Salete. Mapas mentais – Uma Forma de Linguagem: Perspectivas Metodológicas. In. Kozel, Salete, Silva, Josué. da Costa, Filho, Sylvio fausto Gil (orgs.) **Da Percepção e Cognição à Representação**: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanística. São Paulo: Terceira Imagem; Curitiba: NEER, 2007, p.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo. Livraria Martins Fontes Editora Ltda. 1982. 208 p.

MATTOS, Hebe Maria. Novos quilombos : Metamorfoses étnicas e a difícil memória da escravidão no Brasil. In : **Revista Topoi**, Rio de Janeiro, março 2003, p.185-188.

NORGAARD, R. B. A base epistemológica da Agroecologia. In: ALTIERI, M. A. (ed.). **Agroecologia**: as bases científicas da agricultura alternativa. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989, p.42-48.

RAMIRES, Julio Cesar de Lima; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. **Geografia e pesquisa qualitativa**: nas trilhas da investigação. Uberlândia (MG): Assis Editora, 2009. 543 p.

ROMANCINI, Sônia Regina e MARTINS, Eledir da Cruz. *As representações da natureza no imaginário cultural da região de Cuiabá-MT*. In: ALMEIDA, Maria Geralda de (Org.). **Tantos Cerrados**: múltiplas abordagens sobre a biodiversidade e singularidade sociocultural. Goiânia: Ed. Vieira, p. 97-114. 2005.

SANTOS, Maria Elisabete Gontijo dos; CAMARGO, Pablo Matos. **Comunidades quilombolas de Minas Gerais no Século XXI: história e resistência.** Belo Horizonte: Autêntica: CEDEFES, 2008. 391 p. (Coleção cultura negra e identidades).